

PREÇOS E SALÁRIOS

Rubem Braga

Leio que o preço da energia elétrica no Nordeste acaba de triplicar. Isso não quer dizer apenas que aumentará a aflição do pai de família nordestino, imprensado entre um salário miserável e um custo de vida cada dia maior. Quer dizer também que muitas indústrias enfrentarão grandes dificuldades. Quer dizer que a tentativa de atrair para o Nordeste industriais da Sul está fadada a gorar completamente, porque nenhum industrial irá atrás de energia cara, quando a tem, do Rio para o Sul, relativamente barata.

Chama-se a isso política realista, verdade tarifária, não sei mais o quê. Nós, do Espírito Santo, que alguém já disse ser um Estado nordestino sem Sudene, sabemos o que isso representa.

Se há mesmo intenção de atenuar o terrível desnível entre regiões brasileiras, e redimir o Nordeste de sua miséria crônica, por que não adotar uma tarifa elétrica nacional? O aumento que isso representaria para as regiões ricas do Sul seria desprezível; e isso permitiria ao Nordeste eliminar um dos fatores de seu subdesenvolvimento. Dar com esta mão e tirar com a outra é uma brincadeira de mau gosto; não existe neste país um Ministério de Planejamento?

Em tempo: Essa coisa de dar com esta mão e tirar com a outra refere-se apenas ao Nordeste. No caso do Espírito Santo tira-se com esta mão e com a outra também.

O presidente da União Nacional dos Servidores Públicos falou da disparidade de vencimentos dos civis e dos militares. Diz êle: «Um professor catedrático da Universidade do Brasil ganha vencimentos equivalentes ao sôlido de um cabo corneteiro».

Que fazer? Aprender a tocar corneta? Cortar o sôlido do cabo? Não, os militares não estão ganhando demais: recebem «apenas o necessário para uma sobrevivência apertada». O servidor civil é que está ganhando de menos.

Ainda bem que o ministro promete um aumento para o ano que vem — sem dizer, é verdade, em que mês.